

Once upon a time there was our time

À maneira da personagem Alice, de Lewis Carroll – que depois de beber um elixir mágico, decresce e pode passar através de uma porta minúscula – é preciso que nós mudemos para entrar e percorrer este “Once upon a time” de Rui Castanho. Este texto é uma parte do exercício de procurar por diferentes acessos um encontro com estes trabalhos, sabendo que nunca se tem garantias de admissão, e que qualquer acesso é parcial.

O interesse dos artistas pela “arte das crianças” ou a “arte dos loucos”, ou seja, pelos seus modos de fazer, não é de hoje. A criança com que Rui Castanho aprende é uma certa criança, e muito significativa e originalmente, também aprende com um certo tipo de adolescente.

A criança que interessa a Rui Castanho faz infantilmente, claro; e, faz brincando; é a criança que usa pequenos truques e astúcias de desenho e pintura, para obter determinados efeitos: aprende que o 2 também pode ser transformado num cisne, aprende “fórmulas” mágicas e repetíveis de obter outros efeitos visuais, etc.; mas também é a criança que – do seu próprio ponto de vista de criança – faz erros nos desenhos e pinturas: carregou demasiado com o lápis aqui e marcou a folha; vai-lhe faltando a tinta no marcador ou borrou ali, etc.; é a criança que “copia” as imagens que a encham de alegria e são prazerosamente acessíveis ao seu fazer; e é também a criança que exhibe, ou melhor, vai mostrando a cada passo o seu trabalho perpetuamente inacabado. Esta (outra) criança não é uma reserva de inocente liberdade à qual o adulto pode (imaginariamente) regressar. Esta (outra) criança – ou melhor, os seus modos de fazer – adquiriu direito de cidadania na arte.

O adolescente que interessa a Rui Castanho sofre as primeiras paixões e desilusões, conhece a solidão fria e o calor do grupo de amigos, os seus sentidos distendem-se entre o som tão alto que se torna sensivelmente físico e o silêncio absoluto, sente o desejo da praia e o amor às noites. Este adolescente, “apropriado” nestes trabalhos, também é o adolescente que dispensa a unidade única de apresentação e brinca a ser personagens, através de aparências reconhecíveis como no cosplay; é o adolescente que aprende técnicas e materiais de outros campos expressivos como o noturno e limiar graffiti; é o adolescente inserido nas redes digitais que disseminam imagens acessíveis em ecrãs retinianos líquidos.

Rui Castanho usa recursos expressivos e imaginativos dessas crianças e desses adolescentes, não à maneira deles, mas à sua maneira: potenciando-os. O trabalho de potenciação serve-se também de recursos da arte: da pop, do surrealismo, e de uma forma destacada, da arte bruta e da arte pobre.

A primeira condição da potenciação é que o adulto – Rui Castanho – antevê o conjunto de cada “construção”, jogando frequentemente com a regra básica da gestalt: o olhar organiza os elementos em conjuntos, segundo princípios como a aproximação, o fechamento e a continuidade. Mas, o tipo de antevisão “englobante” aqui praticado, a que damos mais atenção, revela-se, sobretudo, nas discrepâncias internas às imagens – por exemplo, no resultado produzido pelas reações materiais (e de sentido) das diferentes substâncias usadas; ou, na adição sem síntese dos diferentes elementos – por exemplo, os diferentes planos da imagem estão justapostos sem se fundirem numa unidade uniforme, ou, as muitas figuras múltiplas, como a

ONCE UPON A TIME RUI CASTANHO

29.01.22 to 12.03.22

BALCONY
CONTEMPORARY
ART GALLERY

Rua Coronel Bento Roma 12 A
1700-122 Lisbon | Portugal

T (+351) 211 339 866
M (+351) 969 847 655
M (+351) 932 380 822

info@balcony.pt
www.balcony.pt

montanha-mago-riscados (À criança a discrepância apenas acontece, não é antecipada e integrada, por isso ela rejeita-a).

A segunda condição da potenciação é um humor. O humor presente nestes trabalhos é um humor paradoxal: Rui Castanho mostra que tudo aqui é ilusão, mas, ainda assim, a ilusão é, e tudo é sempre também outra coisa qualquer... material, corpo.

Estes são desenhos e pinturas de imaginação e não de observação. Mas, são também, desenhos e pinturas de um imaginário. A mais evidente manifestação dessa potenciação é a densificação material e a grande dimensão dos trabalhos que (conjuntamente) excedem os desenhos “retinianos” – escrevemos com humor - de qualquer criança. Esse trabalho está presente igualmente nas dissonantes grandezas afetivas que os diferentes elementos do desenho e da pintura adquirem nos trabalhos, e ainda, na ampliação das escalas dos gestos deste modo de fazer: o risco risca gigante e repetidamente, a cor vibra, a cor acidifica, a cor fosforesce e brilha, a matéria adensa-se ou liquefaz-se.

Estas imagens resultam numa espécie de felizes coincidências: um encontro fugaz no interior de um caleidoscópio faz acontecer uma fugidia imagem-material mágica. Elas resultam de um equilíbrio entre afinidades visuais que estabelecem relações entre elementos no interior das imagens: afinidades de cor e tom, ou junção de “recortes” estranhos uns aos outros, jogo entre múltiplos graus de “efeitos de realismo”, ou, talvez mais precisamente, entre múltiplos graus dos “efeitos ilusórios”, mas materiais.

“Once upon a time” é sobretudo um tempo contemporâneo: um tempo em que as imagens da arte se misturam com imagens BD ou imagens de origem muito variada na superfície luminosa dos ecrãs; é também um espaço de uma certa comunidade contemporânea e uma “cena artística” mediática e performativa, mas fundamentalmente, é uma possibilidade presente da arte materialmente ser, existir por si própria, irreduzível.

Fernando Poeiras

ONCE UPON A TIME RUI CASTANHO

29.01.22 to 12.03.22

BALCONY
CONTEMPORARY
ART GALLERY

Rua Coronel Bento Roma 12 A
1700-122 Lisbon | Portugal

T (+351) 211 339 866
M (+351) 969 847 655
M (+351) 932 380 822

info@balcony.pt
www.balcony.pt